

# **ESTUDOS DE RECEPÇÃO NO CONTEXTO DO BIG DATA COMO SISTEMA DE CONTROLE<sup>1</sup> RECEPTION STUDIES IN THE CONTEXT OF BIG DATA AS A SYSTEM OF CONTROL**

Roseli Figaro<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo, temos por objetivo discutir as relações de comunicação como processos de circulação e produção de sentidos no cenário agravante de manipulação, controle e poder da informação. Para cumprir esse objetivo, procuramos responder às seguintes questões: Os estudos de recepção têm potencial explicativo para as transformações nos meios de comunicação digitais online? Como os estudos de recepção respondem aos desafios colocados pelo Big Data na extração, mineração e análise de dados com vistas à manipulação de comportamentos dos usuários das mídias digitais? As pesquisas em neurociência e comunicação apontam que os estudos da mente projetam a simbiose entre ser humano e máquinas, vislumbrando a orientação dos comportamentos humanos, o que os estudos de recepção têm a dizer sobre o tema? A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica para a análise crítica e comparativa das perspectivas autorais. Esperamos contribuir para a reflexão sobre esses temas no âmbito dos estudos de recepção.

**Palavras-chave:** 1. estudos de recepção, 2. Big Data, 3. manipulação

**Abstract:** In this article, we aim to discuss communication relations as processes of circulation and production of meanings in the worsening scenario of manipulation, control and power of information. To accomplish this goal, we try to answer the following questions: Do reception studies have explanatory potential for the transformations in online digital media? How do the reception studies respond to Big Data's challenges in extracting, mining, and analysing data to manipulate digital media users' behaviours? Neuroscience and communication research points out that studies of the mind project the symbiosis between humans and machines, glimpsing the orientation of human behaviour, what do reception studies have to say about the subject? The methodology adopted is the bibliographical research for the critical and comparative analysis of the author's perspectives. We hope to contribute to the reflection on these topics in the context of reception studies.

**Keywords:** 1. reception studies, 2. Big Data, 3. manipulation

---

## **1. Introdução**

A primeira questão que se coloca diz respeito ao conceito de manipulação. Esse conceito foi rechaçado a partir dos anos de 1980, visto ser contestado, sobretudo, na América Latina, porque as camadas populares, apesar das ditaduras e da guerra fria cultural<sup>3</sup>, haviam

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Recepção, Circulação e usos sociais das mídias, do XXVIII Encontro Anual da Compós, 2019, Porto Alegre, PUC RS.

<sup>2</sup> Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da USP e do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho -CPCT-USP.

<sup>3</sup> A ação da CIA para combater e minar ideias pró-socialistas, ver o livro da historiadora britânica Frances Saunders, *Who Paid the Piper: The CIA and the Cultural Cold War*, e a entrevista com ela disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=380&v=gngHRLrEKf8](https://www.youtube.com/watch?time_continue=380&v=gngHRLrEKf8). Ver também: [Who Paid the Piper? The CIA](#)

buscado as vias da organização e da luta pela redemocratização do Continente, prova maior de que as mídias hegemônicas não haviam dominado as consciências nem mesmo levado-as à alienação. As teorias funcionalistas, vinculadas à visão sistêmica da comunicação, antes ainda, a teoria hipodérmica, que advoga a influência direta da mensagem na mudança do comportamento do receptor; e as teorias críticas, que anunciavam o fim da autonomia do sujeito, visto o controle e a alienação provocados pelos meios de comunicação em massa, foram amplamente negadas pelos estudos de recepção latino americanos, inspirados nas obras de Jesús Martín-Barbero. As mediações culturais na comunicação e, depois, as mediações comunicativas na cultura, materializadas em lógicas de produção, formatos industriais, competências de recepção e matrizes culturais, foram se colocando como alternativa teórico-metodológica para inúmeras pesquisas. A aspiração dos pesquisadores da área era a de compreender o processo de comunicação em sua diversidade e complexidade, sem reduzi-lo à linearidade da ação reação, emissor, mensagem, receptor.

Nesse âmbito, procuramos dimensionar, agora nos trinta anos de “Dos meios às mediações”, livro já clássico, que muito inspirou e ainda inspira os estudos de recepção na América Latina, as contribuições suscitadas pela obra barberiana para pensar a comunicação na era do Big Data. Maria Immacolata V. de Lopes fala de uma “epistemologia da comunicação barberiana” (2018:42) que pretende “cartografar o conhecimento das práticas comunicacionais e culturais Latino Americana”. Uma epistemologia cujo método cartografa os rastros, ação nunca finalizada e, como mapas noturnos, seus agentes registram a importância das periferias por meio dos discursos de resistência e da diversidade. Temas como culturas populares, resistência, periferias, diversidades são tratados pelo olhar das mediações comunicativas na cultura e suas intersecções com a política.

Por outro lado, a computação baseada no rastreamento de dados, qualquer que seja, implica ao mesmo tempo tudo que é diverso e ainda não captado, para tudo homogeneizar em bancos de dados que servem para a produção de modelos a serem aplicados para medir e alterar ações e comportamentos humanos. O rastreamento de dados alimenta a atual “entidade mãe”, Big Data, como grande repositório de todas as informações, de qualquer natureza, tudo o que possa ser marcado como um sinal, um signo ou um símbolo. Do som da voz à poesia, do sinal

---

[and the Cultural Cold War](#), Granta Books, United Kingdom, 1999. Em 2013, a Random House Mondadori lançou em Bogotá a edição colombiana, com 597 páginas: [www.megustaleer.com/ficha/C922362/la-cia-y-la-guerra-fria-cultural](http://www.megustaleer.com/ficha/C922362/la-cia-y-la-guerra-fria-cultural). Existe uma edição brasileira com o título [Quem pagou a conta?](#).

de trânsito ao artigo de opinião; do movimento do olho na tela à foto de uma manifestação popular. O Big Data é um “ente” dinâmico que abastece algoritmos que nutrem e operam os aplicativos e a funcionalidade dos dados organizados com direção objetiva. “As populações são as fontes das quais a extração de dados procede e os alvos finais das ações que esses dados produzem” (Zuboff, 2018, p.34). Os algoritmos são, nesse sentido, sentenças de prescrição, normativas que analisam e organizam os dados para operar sua funcionalidade. São eles os propiciadores da maior parte de nossas atividades na internet. Qualquer aplicativo atua a partir dessas sentenças organizadas de prescrições a que chamamos de algoritmos. Como prescrições, atuam antevendo nossas ações, são como antecipadores de nossos comportamentos. Bruno (2018) fala de “visão algorítmica” como “lógica de controle que deseja intervir diretamente sobre a própria ação, ou mesmo, antes da ação.” (p.247). Nick Couldry e Ulises Mejias (2018) reportam-se à lógica do Big Data como “Colonialismo de dados”. Os autores pretendem explicar como o capitalismo opera como colonizador: tudo extraí e usa para sua finalidade lucrativa e de poderio.

Ao colocarmos em diálogo essas proposições teóricas, as questões que emergem são as seguintes: os estudos de recepção, em seus diferentes matizes, têm potencial explicativo para as transformações que ocorrem nos meios de comunicação digitais online? Como os estudos de recepção respondem aos desafios colocados pelo *big data* na extração, mineração e análise de dados com vistas à manipulação de comportamentos dos usuários das mídias digitais? As pesquisas em neurociência e comunicação apontam que os estudos da mente preparam projetos para a simbiose entre ser humano e máquinas, vislumbrando a orientação dos comportamentos humanos, o que os estudos de recepção têm a dizer sobre o tema?

A metodologia adotada para essa discussão é a pesquisa bibliográfica para a análise crítica das perspectivas autorais. Essa discussão se dá em diálogo crítico com aqueles que potencializam a autonomia dos sujeitos nas mídias digitais online. Como resultado, esperamos esboçar uma discussão que poderá trazer pistas para aprofundamentos mais do que necessários a serem feitos por nós pesquisadores da área da Comunicação.

## 2. Uma questão de conceitos

Os conceitos são palavras sínteses de significados em contextos específicos. Nas ciências, os conceitos são resultados de trabalho de reflexão e ação teórico-prática que

sistematizam o conhecimento sobre algum fenômeno. Essa sistematização dá-se em contexto teórico também específico. Por exemplo: a palavra *sistema* recobre um extenso campo de sentidos. Tem apropriação na biologia, ao tratar dos sistemas vivos; tem apropriação na economia, ao tratar dos sistemas econômicos; na matemática para reportar o relacionamento entre equações. Na comunicação também adquire sentido próprio a partir da Teoria Matemática da Informação (Shannon, 1948)<sup>4</sup>. Mas, o importante, é identificar que, embora haja usos particulares em cada área da ciência, o mesmo conceito (sistema, no caso) recobre um campo de sentidos matriz. Falar de sistema significa tratar de algo, um conjunto, um todo que se relaciona dentro de uma mesma ordem, ou seja, há uma lógica de relação, cuja lei sintetiza o funcionamento. No caso, trata-se da ordenação das partes em função do todo. A forma do funcionamento em qualquer tipo de sistema é a entropia, ou seja, o grau de desordem operado por mais ou menos elementos do sistema. Na Teoria Matemática da Informação, maior entropia depende de maior quantidade de informação; menor entropia, se dá devido à menor quantidade de informação. Para essa Teoria, o importante é o sinal, o significado não concorre para o cálculo da eficácia da transmissão da informação. Sua aplicação deu-se sobretudo por interesses bélicos geopolíticos, no desenvolvimento e aperfeiçoamento dos sistemas de criptografia da informação.

O conceito de sistema é um conceito forte e central no pensamento moderno e contemporâneo. Alguns nomes se destacam no desenvolvimento de uma teoria geral dos sistemas: Ludwig Von Bertalanffy (1901-1972), Talcott Parsons<sup>5</sup> (1902-1979) e Niklas

---

<sup>4</sup> “Para relacionar la cantidad de información ( $I$ ) con la probabilidad, Shannon presentó la siguiente fórmula:  $I = \log_2 1/p$ . Donde  $p$  es la probabilidad del mensaje que se transmite y  $\log_2$  es el logaritmo de  $1/p$  en base 2. ( $\log_2$  de un número dado  $X$  es el exponente  $Y$  al que tiene que ser elevado el número 2 para obtener dicho número  $X$ . Por ejemplo,  $\log_2$  de  $8 = 3$ , porque  $2^3 = 8$ ). Utilizando esta fórmula, obtenemos que los mensajes *cara y cruz* tienen una cantidad de información de  $\log_2 2 = 1$ ”. Ver em: Carolina González; Mauro Rodríguez. Claudia Marcos. Disponível em: <https://modosdevagancia.wordpress.com/2009/11/05/marcos-gonzalez-rodriguez-rec-1er-parcial/> “Os aspectos materialistas de seu pensamento podem ajudar a explicar seu afastamento em relação à Teoria da Informação. Para alguns, o afastamento teria se dado pelo descontentamento com os rumos que a Teoria havia tomado: a distorção de seus conceitos quando aplicados noutras disciplinas o incomodava.” Ver em: Pineda, J.O.C. A entropia segundo Claude Shannon. PUC- SP, 2006. Disponível em: <https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/13330/1/PINEDA,%20J%20O%20C%20-%20A%20Entropia%20segundo%20Claude%20Shannon.pdf>

<sup>5</sup> Para Parsons “**todo sistema social enfrenta quatro imperativos funcionais** aos quais não pode deixar de satisfazer. Tais imperativos são o da **manutenção**, satisfeito pelos valores sociais e subsistemas culturais, o da **integração**, satisfeito pelas normas sociais e subsistemas sociais, o do atingimento de metas, satisfeito pelas coletividades sociais e subsistemas políticos e o da **adaptabilidade**, satisfeito pelos papéis sociais e subsistema econômico. A manutenção se refere à estabilidade do sistema de valores institucionalizados; o atingimento de metas refere-se à relação entre o **ator** e um ou mais objetos da situação, relação esta que maximiza a estabilidade

Luhmann (1927-1998). Na comunicação e nas denominadas áreas de computação e inteligência artificial o conceito se faz presente e é eixo central do constructo teórico. A esse conceito alinham-se outros como de transmissão, efeito, controle, função, modelo, equilíbrio, matéria, energia, volume, ator rede, entre outros. A maior parte deles está presente para explicar o fluxo da informação, o contato e as interfaces com as máquinas e as trocas via meios de comunicação. Nessa concepção das teorias dos sistemas nas relações sociais, qual o lugar para conceitos como: historicidade, sujeito, contradição, conflito, mediação, hegemonia, poder ?

Cabe, também, demarcar a utilização do conceito de sistema para reproduzir lógicas focadas na concentração de recursos e de poder. A lógica sistêmica do Google e de outras grandes empresas são exemplares. Elas operam com dados dos consumidores, extraem deles informações, organizam-nas para fins comerciais e até mesmo políticos. Trata-se de uma lógica econômica de extração do valor social, a informação, em benefício de um negócio que visa concentração de capital. Querem nos fazer crer, afirma Zuboff (2018), que a tecnologia do *big data* é autônoma, um sistema que opera por si mesmo, “um efeito tecnológico inevitável”. Mas, “o *big data* tem origem no social, e é ali que devemos encontra-lo e estudá-lo (...) é acima de tudo o componente fundamental de uma nova lógica de acumulação, profundamente intencional e com importantes consequências, que chamo de *capitalismo de vigilância*” (Zuboff, 2018, p.18).

A vigilância e o controle são discutidos por Bruno como aspecto performativo da ação futura no sistema do *big data*. A partir de experiências empíricas com drones na Vila Autódromo, Rio de Janeiro, realizadas pelo projeto #dronehackademy<sup>6</sup>, Fernanda Bruno afirma que os projetos de “sobrevisão e antevisão” não prescrevem um “destino” como elemento “intrínseco aos algoritmos”. Como resultado de inúmeros “agenciamentos sociotécnicos” são, como afirma Zuboff, produção social que vislumbra o controle e o poder, mas, como salienta Bruno, “podem ser alterados ou pelo menos perturbados. Para isso, é preciso lembrar que “o

---

do sistema, já que este precisa atingir metas através do controle dos elementos da situação; a adaptabilidade refere-se ao controle, ele próprio, do ambiente para o atingimento de metas e, finalmente, a integração refere-se à manutenção de solidariedade entre as unidades para o funcionamento eficiente do sistema.” In: MOTTA, Fernando C. Prestes. A teoria geral dos sistemas na teoria das organizações. **Revista Administração de empresas**. São Paulo, v. 11, n. 1, p. 17-33, Mar. 1971. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75901971000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901971000100003&lng=en&nrm=iso)>. access on 31 Jan. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75901971000100003>. Citado de Wallace, Walter L. **Sociological theory**. Chicago. Aldine Publishing, 1969.

<sup>6</sup> Projeto #dronehackademy Disponível em : <http://dronehackademy.net>

seu perigo político reside, (...) na dimensão performativa de sua antevisão”, porque esta antevisão acaba performando e “tornando efetivo o que se previu” (Bruno, 2018, p. 248).

Para Couldry e Mejías, vivemos a era do “colonialismo de dados”. Assim como no período colonialista, não há nada de inocente e natural na organização de mecanismos de captura de dados com fins econômicos, lógica atual do capitalismo. Ou seja, as formas atuais de relacionamento com os meios de comunicação extrapolam em muito os mecanismos da atuação comercial dos meios analógicos. Ter os dados dos movimentos de sua residência captados pelo SmartTV<sup>7</sup> é uma realidade pouco discutida no cenário dos direitos dos cidadãos, por exemplo. Essa captura indiscriminada de tudo que está no meio social visa ao lucro. É a mercadoria produzida pelas relações de comunicação cujo valor faz a fortuna de camada cada vez mais restrita de pessoas e empresas em todo o mundo. A lógica do colonialismo é a da extração e do domínio, estabelecendo relação de dependência.

A esses elementos somam-se as aplicações das ciências cognitivas para conhecer e manipular o comportamento das pessoas. Estudos cognitivos para uso na formulação de propostas publicitárias, propaganda política e gestão estão se popularizando no meio acadêmico, político, publicitário e da saúde. A combinação da extração, mineração e análise de dados com técnicas de apreensão dos reflexos cognitivos da mente são a “nova ordem” do pensamento sistêmico aplicado ao controle social. A sofisticação dessas iniciativas extrapola o setor mercantil e publicitário para se aventurar com sucesso no âmbito das eleições, como os recentes resultados nos EUA e no Brasil. Ambos processos eleitorais foram marcados pelas estratégias de mineração de dados para compor grupos de perfis emocionais e comportamentais específicos para o envio de mensagens que confundem e fecham possibilidades de perspectivas a outros tipos de discursos. A direcionalidade permitida pelas redes sociais, bolhas de opiniões e pontos de vistas fechados (Pariser, 2011), somada à tática da simulação da comunicação direta um para um, candidato-eleitor, criando maior proximidade, permitiu sucesso eleitoral tanto nos EUA quanto no Brasil. Outro exemplo pode ser destacado da publicação

---

<sup>7</sup> Matéria do jornal O Globo de 2015 afirma que a Samsung alertou em seus documentos o perigo da colheita de dados via smart tv: “Por favor, esteja ciente que se suas palavras incluírem dados pessoais ou outras informações sensíveis, essa informação estará entre os dados capturados e transmitidos para terceiros pelo uso do reconhecimento de voz”, diz a Samsung. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/samsung-adverte-cuidado-com-que-voce-diz-em-frente-sua-tv-inteligente-15286181> Acesso: 3/2/2019.

independente Nexo Jornal, que noticiou, em 30/1/2019, o lançamento do mais novo aplicativo de apoio à saúde mental. Diz o texto: “Um aplicativo lançado em 28 de janeiro de 2019, disponível para iOS e Android, promete oferecer aos usuários o que chama de “nutrição digital” (Nexo, 2019). Trata-se de iniciativa empresarial de Michael Phillips Moskowitz, desenvolvido pela empresa AeBeZe. O aplicativo Moodrise “oferece um pacote de fotos, vídeos, gráficos, sons, músicas e obras de arte com o objetivo de aliviar a ansiedade e outros transtornos de humor, “maximizando a felicidade” de quem o utiliza.”(idem) Ou seja, as redes nos oferecem um assistente emocional tal qual um terapeuta, a preços módicos, para diminuir a ansiedade causada pelo excesso de uso da internet e aparelhos digitais. Pelo menos é esta a argumentação de seu criador:

Segundo uma reportagem publicada pelo site Artsy, a criação do Moodrise foi uma resposta ao momento, definido por Moskowitz como “peak content” – uma época de produção e consumo recorde de conteúdo comparável ao auge do consumo de tabaco em 1950. Moskowitz cita a estimativa de que o adulto americano médio consome 12 horas e 7 minutos de conteúdo digital por dia, o que tem tido impactos negativos sobre sua saúde e felicidade. (Nexo, 30/01/2019)

A resposta terapêutica para o problema de saúde mental é reforçar o uso do digital identificado como causador da ansiedade, só que com elementos calmantes, ou seja, reforçar a lógica sistêmica e a extração de dados do usuário.

Em artigo de Esdras Moreira, no blog Transformação Digital (30/01/2019), o autor salienta os benefícios dos meios digitais e anuncia o que nos aguarda muito proximamente:

Telepresença : Robôs de telepresença, como o Beam, representam a futura geração de comunicação face a face, permitindo a sua participação e movimentação como se você estivesse presente fisicamente; Mundos virtuais: permitirá que você esteja com uma ou mais pessoas, não de forma presente, mas num mundo virtual de alta resolução, no que seria uma réplica muito semelhante, dialogando e compartilhando como se fosse real; Interface cérebro-computador: essa modalidade diz respeito à capacidade de conectar nossa mente ao computador e vice-versa, permitindo uma ligação mais íntima de comunicação. E esse potencial não se restringe a manipular máquinas com nossos pensamentos, mas abrir possibilidades para estabelecer uma direta comunicação com o cérebro de outra pessoa — comunicação mente-mente ou BBI. (Moreira, 2019).

Em outra matéria do mesmo site lê-se: Os desafios da cibersegurança: como evitar os males da inovação? (2018). Em nenhum momento o autor antevê como “males” o controle das

informações dos cidadãos. O que se coloca é novamente a lógica de que para a possibilidade de existirem hackers que invadem as informações, a solução é aperfeiçoar as ferramentas de segurança de dados, equipar-se sempre com o mais novo, estar atualizado: ou seja, prepondera o uso da tecnologia como algo natural e imponderável.

Mas, o que há de comum em todos esses exemplos, do Google, às eleições e aos aplicativos da felicidade, da segurança? Há a perspectiva sistêmica do funcionamento do social e a centralidade da tecnologia como determinante histórica. Outro aspecto é a ausência de questionamento sobre a ordem estabelecida e as estruturas econômicas de poder. Nenhum questionamento sobre se os usos das tecnologias possam ser outros. Nenhuma perspectiva para usos alternativos aos da lógica do controle geopolítico e da concentração de riquezas.

De qualquer modo, o que se coloca é a questão da pertinência de falarmos em estudos de recepção na era em que a tecnociência almeja o controle da mente e inclusive o “melhoramento” genético com o objetivo de um ser humano perfeito<sup>8</sup>. Qual o instrumental teórico que nos permite enfrentar a discussão com o setor hegemônico das ciências que pensa a realidade a partir da lógica da funcionalidade dos sistemas e da centralidade tecnológica?

### 3. Manipulação e alienação: controvérsia aos estudos de recepção?

Se como afirmamos na Introdução, os estudos de recepção latino-americanos desenvolvem-se a partir da recusa do conceito de comunicação em massa (massa são sempre os outros, afirmou Williams [1969]), da recusa dos conceitos de indústria cultural, de manipulação e de alienação, em benefício de se estudar a cultura das camadas populares, as chamadas classes subalternas, sobrelevando as formas tradicionais, as permanências e as resistências nos discursos das expressões e manifestações populares, o que dizer em favor desses conceitos a partir do avanço do digital como forma comercial de controle político e comportamental?

Se as teorias que elegem *sistema* como conceito matriz esquecem a existência do poder, visto que ele é o próprio sistema; nos estudos de recepção, o conceito de poder é a imanência

---

<sup>8</sup> A revista Nature publicou em nov. 2018 o artigo: Genome-edited baby claim provokes international outcry. The startling announcement by a Chinese scientist represents a controversial leap in the use of genome editing. Disponível em : <https://www.nature.com/articles/d41586-018-07545-0> Acesso 31/01/2019.



a ser contestada, visto que a recepção interessa na forma de resíduos, rastros, brechas, resistências, contraposições, reapropriações, negociações, reformulações, ressignificações. Esse ambiente teórico que identifica o poder e busca o popular como contraposição ao anseio das hegemonias em controlar as opiniões, mentes e comportamentos, é, portanto, uma matriz que se choca com os sistêmicos desejos de interferir diretamente na ação e reação das pessoas.

Por outro lado, os estudos de recepção veem o poder (econômico, político, hegemônico) como sombra, que assombra, mas não é enfrentada. A questão está também nos conceitos com os quais se erigiu o edifício teórico dos estudos de recepção. As mediações tornaram-se conceito guarda-chuva para cartografar modos de relação dos sujeitos com os meios de comunicação, aprofundando a colheita de narrativas pessoais sem a análise crítica dessas mesmas narrativas.

Uma das exceções pode ser ressaltada nos trabalhos de Ronsini. A pesquisadora dedica-se ao “estudo das mediações na recepção televisiva, no campo e na cidade, visando entender a relação entre classes populares, etnia e gênero (melodrama)”. Também investiga os usos sociais dos meios de comunicação no cotidiano, destacando *habitus* de classe, práticas culturais e socialização e imaginário (texto do Lattes, 2018). É uma das poucas estudiosas que, a partir de Bourdieu, problematiza a questão das classes sociais e, portanto, do poder como aspecto da reprodução. Em seus trabalhos Ronsini (2007, 2012) reflete sobre os aspectos conservadores do discurso hegemônico presentes nas narrativas de jovens, trabalhadores (do campo e da cidade) e de mulheres das camadas populares. Ronsini sempre chamou nossa atenção para a lógica do que emergia dos discursos das camadas populares. Muito mais do que processos de resistência e de emancipação, os discursos dos homens e mulheres no cotidiano traziam à tona aspirações, projeções dos lugares sociais dominantes. Nos distintos tempos entre o consumo midiático e as memórias e trajetórias de classes, familiares e de gênero há um descompasso, nem sempre trazido à tona pelas pesquisas, e podem ser observados na potencialidade dos conflitos que se dão entre eles (tempos dissonantes). Conflitos, muitas vezes, manifestados como expressão das posições de classe social.

Em recente artigo na revista InTexto, Ronsini retoma Raymond Williams para lembrar a predominância do econômico na esfera das relações sociais e culturais. Faz isso sem esquecer de marcar a posição de Williams em sua releitura marxiana, a partir de Gramsci. Na abordagem de Williams, o social e o cultural libertam-se da interpretação simplista e positivista, em que a sociedade e a cultura são meros reflexos da base material. Para a autora:

A ideia de determinação (WILLIAMS, 1991) de classe, no projeto de investigação em andamento, é pensada em termos de representações e formas subjetivas que organizam as identidades femininas e suas práticas cotidianas, articulando-se com as narrativas das telenovelas na reprodução das desigualdades. A centralidade da cultura ou a autonomia relativa da cultura, para mim, significa que cultura e economia são indissociáveis. (2018, p.114)

Ao assim se manifestar, Ronsini nos permite compreender que as mediações culturais são reveladoras dos conflitos sociais, das disputas entre as classes, da figuração do que o hegemônico pode conter de contra hegemônico. Nessa acepção, o poder deixa de ser sombra para ser o centro das revelações do processo de investigação, muito mais do que revelar como usam os meios de comunicação agora digitais, os rastros dos usos revelam ou podem revelar como as pessoas se relacionam com as estruturas de poder, revelam como as ideologias circulam e se estabelecem<sup>9</sup>.

As perguntas que nos desafiam sobre a onipresença das tecnologias digitais, da inteligência artificial e as contribuições de Ronsini para os estudos de recepção colocam como problema, mais uma vez, a questão dos conceitos. É pertinente aprofundar essa discussão e, para isso, recolocar os conceitos de sujeito, manipulação, alienação e hegemonia.

O conceito de sujeito é fundamental para o materialismo filosófico. Os materialistas históricos afirmam que o ser humano é produto das relações sociais. O ser humano é vital, natural, histórico e social (Schaff, 1967). Isso significa que o ser humano é um indivíduo/social. Sua existência real vital realiza-se no social e cultural: nas relações objetivas de lutas e contradições sociais, no seio das classes sociais. Logo, afirma Baccega (1998), “o indivíduo/sujeito não é independente: tem suas amarras nos condicionamentos da sociedade

---

<sup>9</sup> Em estudo de recepção que realizei numa grande empresa montadora, publicado em 2001, com trabalhadores do chão de fábrica, o que identifiquei em suas falas foi o profundo orgulho de serem trabalhadores metalúrgicos. Esse orgulho vinha da memória de terem sido trabalhadores rurais, sem direitos e sem espaço de interlocução, em comparação com a experiência recente de ser trabalhador urbano em uma empresa multinacional. A conquista da casa própria e da carteira de trabalho assinada introduziram-nos na modernidade. Esse orgulho também se expressava na fala: “os metalúrgicos lutaram pela democracia no Brasil”, muito embora fossem reticentes (a maioria) à participação sindical. Fazer parte da categoria dos metalúrgicos era quase como renovar o status de nacionalidade, de pertencimento a um grupo social que faz a diferença para o país. Em outros assuntos, lembro-me, as falas eram marcadas por palavras que revelavam uma profunda transformação na concepção do relacionamento com o trabalho e os colegas de trabalho. Havia uma luta a ser enfrentada, cujas armas eram aparatos discursivos ideologicamente muito constituídos e que insidiam sobre a organização do trabalho e no relacionamento entre os trabalhadores. A empresa e a reestruturação produtiva, que ela introduzia, confrontava a memória coletiva da solidariedade entre os trabalhadores metalúrgicos. O embate político/ideológico do poder hegemônico estava no território da ação no trabalho. Passados 20 anos da pesquisa, percebo como esse embate que estava em disputa foi ganho pela ordem econômica vigente. Ali se instalava a lógica neoliberal que floresceu amplamente no movimento operário, e que eu mesma não dei a devida relevância. (Figaro, 2001)

em que vive. É, porém, autônomo, ou seja, capaz de reelaborar essa carga, produzindo o novo” (p.36). Essa concepção de sujeito coloca no centro do exercício da compreensão o método dialético materialista. O sujeito é indivíduo (particular) e, ao mesmo tempo, é social, fruto do processo histórico. É ser histórico, responsável por seus atos. Se esse movimento de afirmação e negação é intrínseco à existência objetiva do ser, assim também esse movimento se repete para compreendermos o que é alienação.

O conceito de base marxiana significa estranhamento de si no processo de trabalho. Um estranhamento que se dá pela falta de autonomia de decisão sobre o seu trabalho, devido à lógica fragmentária da organização da atividade. Estranhamento, no sentido de ver-se fora desse processo, como autômato que faz, embora sem vontade. É alienação porque não há como se apropriar do produto de seu próprio trabalho. O assalariamento também contribui para essa distância e para a falta de reconhecimento entre criador e criatura. A alienação configura-se, portanto, como elemento da luta de classes. Maior coesão e reconhecimento do lugar histórico de ser social, menor é o sentido do estranhamento. Esses dois conceitos são importantes para entendermos os processos de recepção e como buscarmos mapear as mediações em seus diferentes eixos de inserção.

A manipulação é um conceito que desde Aristóteles pode ser vinculado às formas de persuasão na política. Maquiavel trata desse tema como a arte do exercício do poder pelo Príncipe, para manter-se como absoluto. A manipulação está também na base das teorias da propaganda e da publicidade. Nesse sentido, manipulação é uma característica do poder. Martín-Barbero chama atenção para entendermos o movimento contraditório entre o discurso único manipulador e as múltiplas redes de possibilidades de manifestação:

reconhecer que os meios constituem hoje espaços-chave de condensação e intersecção de múltiplas redes de poder e de produção cultural, mas também alertar, ao mesmo tempo, contra o pensamento único que legitima a ideia de que a tecnologia é hoje o ‘grande mediador’ entre as pessoas e o mundo, quando o que a tecnologia medeia hoje, de modo mais intenso e acelerado, é a transformação da sociedade em mercado, e deste em principal agenciador da mundialização (nos seus muitos e contrapostos sentidos). (Martín-Barbero, 2018[1998], p.19).

Desse modo, aportamos no conceito de hegemonia<sup>10</sup>, contribuição de Antônio Gramsci (1978) para a política das classes subalternas. Entender o movimento dialético, a contradição permanente da história, no contexto das estratégias e das táticas políticas. Ou seja, hegemonia se constitui no movimento de constante negociação que se dá na vida social entre as ideologias constituídas, as ideologias do cotidiano (valores do senso comum) e a contra hegemonia. Esse movimento político abarca toda a estrutura social, perpassa a cultura, a educação, a arte, os meios de comunicação e se materializa institucionalmente na política partidária e em outras instituições do Estado e da Igreja. A hegemonia é expressão da luta de classes. Compreender o conceito de hegemonia, nos dá a dimensão da idealização que muitas vezes fazemos do povo. Ideia romântica que se liga ao romantismo nacionalista e se perde na falsa dicotomia bom/mau. Esses valores sobre o conceito de povo, popular precisam ser superados por concepção que privilegia o movimento contraditório real da vida em sociedade. A ideia de povo ingênuo e bom por natureza nos impede de compreender o movimento – via relações de comunicação – contraditório, expressão das relações sociais. O conceito de indivíduo/social histórico é mais produtivo para os estudos de recepção, porque permite a compreensão das lutas de classes e como se dá a hegemonia no poder. Nesse desenho teórico, o conceito de sistema é recolocado sob as leis da dialética.

Nesse enquadramento, o sistema é aberto e subordinado ao *metabolismo* do movimento social e histórico. Mesmo na natureza, a lógica sistêmica não pode ser funcional, as contradições inerentes à transformação da matéria fazem dialogar natureza e sociedade<sup>11</sup>. O ineditismo e a causalidade são aspectos do movimento dialético. No que diz respeito ao controle da máquina sobre a sociedade, é necessário voltar a ideia de poder e de política. Zuboff (2018) bem o esclareceu ao cunhar o termo ‘capitalismo de vigilância’. Os interesses de grupos hegemônicos se sobrepõem ao bem-estar da maioria e à emancipação das pessoas. Essas lógicas não são inerentes ao movimento da história, elas dependem da regulação pela vigilância

---

<sup>10</sup> Sobre a influência de Gramsci no pensamento de Martin-Barbero ler o artigo: MORAES, Glaucia da Silva Mendes. O conceito de hegemonia no percurso dos meios às mediações. Matrizes. Vol.12, n.1, 2018, p. 171-188.

<sup>11</sup> Marx utilizou o conceito de “falha na relação metabólica” entre os seres humanos e a terra para captar a alienação material dos seres humanos dentro da sociedade capitalista das condições naturais que formaram a base de sua existência, as quais denomina: “a[s] perpétua[s] condição[ões] da existência humana imposta[s] pela natureza”. In: AUGUSTIN, S. ALMEIDA, A. Da compreensão materialista e dialética das relações ecológicas ao conceito de desenvolvimento sustentável. Desenvolvimento em Questão. Editora Unijuí • ano 4 • n. 7 • jan./jun. • 2006

e pelo controle. Daí a necessidade de o sistema de poder interferir no comportamento social para induzir a soluções controladas.

#### **4. Pertinência dos estudos de recepção**

Embora o termo “recepção” esteja marcado pela sistêmica funcionalista, retrabalha-lo a partir dos conceitos dos estudos culturais britânicos, sobretudo, a partir de R. Williams e das propostas teóricas de Martín-Barbero, conjugadas aos chamados estudos culturais latino americanos, produz um novo significado porque permite uma outra caixa de ferramentas conceituais e metodológicas.

Nesse sentido, retomar o pensamento social crítico e dotar os estudos de recepção de elementos que permitam entender o movimento das contradições e dos embates do hegemônico, do senso comum e do contra hegemônico. Pautar a interrelação do particular ao geral (micro/macrossocial) e desenhar as relações entre comunicação, cultura e poder podem fazer os estudos de recepção alcançarem um outro patamar. A pertinência dos estudos de recepção é destacar o enfoque político das relações de comunicação, para sobrelevar a ação do indivíduo/social e suas condições em se colocar no mundo; bem como de identificar no processo de comunicação como as relações de produção intensificam as disputas pela hegemonia.

Afirmar o sujeito como indivíduo/social é colocá-lo no movimento dialético da história. Isso significa entender o sujeito como responsável por suas ações, mesmo que elas estejam conformadas pela hegemonia das ideias dominantes e que, na maioria das vezes, concorram com aquelas ideias que poderiam favorecer processos de justiça social mais amplos. Esse é caso típico e explica inúmeras situações de selvageria como a que se encontra no Brasil em relação ao feminicídio. Como explicar a vítima ser indicada como culpada por sofrer ataques de homens? Que tipo de mentalidade faz com que as próprias mulheres aceitem e até culpem as vítimas? Quando definimos o indivíduo/social, relacionando os aspectos particulares e gerais que conformam o seu desenvolvimento, consideramos o contexto particular dessa formação e o contexto hegemônico do processo social, em que a relação entre os interesses de classe estão presentes e instituídos em estruturas de pensamento e organizacionais. Nessa perspectiva, os estudos de recepção consideram os processos de dominação como ações hegemônicas dos interesses das classes no poder. Como exemplo dessas ações, podemos citar a guerra fria cultural (Sounders, 2015), iniciada na segunda guerra mundial, consolidada pelo macarthismo

e pela CIA, e que permanece em outros moldes e linguagens até os dias atuais. Williams (2011) salientou que o controle da sociedade pelo estado é muito mais eficiente com a televisão do que com o megafone, o que diria ele sobre a internet e o *big data*?

Assim, intensificar as pesquisas empíricas nas redes digitais, cartografar os caminhos percorridos pelos receptores na circulação das mensagens e as ações e interações nos meios digitais tem a finalidade de compreender as relações de comunicação e o que nesse contexto elas confluem em termos de hegemonia e contra hegemonia.

À cartografia barberiana (aos eixos sincrônicos e diacrônicos, as temporalidades e as espacialidades), acrescente-se a compreensão de que operar com cada aspecto das mediações requer entender o movimento dialético, cujo motor é a contradição. O metabolismo do Capital está presente em todos os eixos, espaços e tempos, mas também está presente o seu contrário. As pesquisas de recepção têm um potencial de *pesquisa ação* (Peruzzo, 2005), aquela que também atua como parte do processo e o transforma.

Desse modo, o ementário do grupo de trabalho Recepção, Circulação e usos sociais das mídias da Compos dá efetivas pistas para as pesquisas na área. É resultado de quase três décadas de investigações realizadas no País. Seus eixos são indicativos desse amadurecimento e representam um ganho para o campo. Destaco-os:

“a) as relações dos sujeitos com as mídias implicadas por mediações de *classe, etnia, gênero*, entre outras; b) os *usos sociais das mídias* que se constroem em dinâmicas complexas entre as ambiências online e offline; c) os *processos de produção de sentidos* e de circulação de mensagens, em novos modos de *interação entre produtores e receptores*; d) os processos de recepção transmidiática, de audiências em rede, *em dinâmicas de expansão das práticas da recepção em plataformas digitais*.”<sup>12</sup>

Esses cinco eixos propõem-se a sinalizar elementos conceituais teóricos e metodológicos que implicam necessariamente a contradição: o aprendizado de como o hegemônico se constitui e como o contra hegemônico se prepara.

## 5.A título de conclusão

Iniciamos este artigo fazendo perguntas sobre o potencial explicativo dos estudos de recepção frente às transformações nos meios de comunicação digitais online. Para argumentar

---

<sup>12</sup> Excerto da ementa do GT Recepção, circulação e usos sociais das mídias, da Compos. Disponível em: [http://www.compos.org.br/ler\\_gts.php?idGt=Mzk=](http://www.compos.org.br/ler_gts.php?idGt=Mzk=)

afirmativamente sobre a potencialidade dessas pesquisas, fizemos um caminho que tomou como eixo o conceito de sistema. Essa escolha permitiu sintetizar nessas poucas páginas a trajetória do pensamento hegemônico sobretudo como se estabeleceu o conceito de sistema desde o final do século XIX até os dias atuais. A teoria geral dos sistemas, em suas diferentes ramificações pelas áreas científicas, propõe de modo geral entender o objeto em estudo como um sistema, cuja retroalimentação se dá pelo jogo entre as partes em função do todo. Entender assim o sistema circulatório, por exemplo, ou o sistema de refrigeração de computadores traz ganhos. Mas aplicado a outras situações traz prejuízos por suas limitações. Imagine-se então querer entender as relações sociais como um sistema em que as funções estão pré-estabelecidas e as contradições serviriam apenas para retroalimentar o próprio sistema. Como ficam as relações de poder? Como tratar a materialidade da ação dos sujeitos, a historicidade, o acaso e mesmo o ineditismo da ação humana?

Se o conceito de sistema é produtivo para pensarmos perspectivas no campo científico, ele o é também para compreendermos os sistemas eletrônicos digitais como artefatos da cultura (Folcher e Rabardel, 2007). Pois, trazem em si as lógicas de sua concepção, lógicas que estão alinhadas aos interesses econômicos e de poder político hegemônicos que os criaram. Os sistemas tecnológicos não escapam à ordem social e política de seu tempo. Os sistemas digitais representam sem dúvida grande avanço do conhecimento humano, mas na ordem da exploração e da concentração de recursos, servem, em primeira instância, ao aprofundamento das desigualdades, ao controle, à banalização da vida. Nesse sentido, os estudiosos da recepção, ao adotarem os mapas noturnos de Jesús Martín-Barbero, não devem se esquecer de rastrear como o poder político e econômico se revela em sinais, signos e símbolos no contraditório movimento por hegemonia.

No cenário de desafios manifestos pela nova lógica de acumulação e exploração, estruturada no *big data*, seja como Capitalismo de vigilância (Zuboff, 2018) seja como Colonialismo (Couldry; Mejias, 2018), os cientistas da comunicação voltam seu olhar para a civilização humanista. A ciência não se faz pela ciência. O conhecimento está a serviço da vida e da humanização da humanidade. Arte e Ciência, como muitos já disseram, são expressões da capacidade do ser humano humanizar-se, são frutos do trabalho humano. Os estudos de recepção ao buscarem a compreensão da circulação e dos usos e práticas culturais podem prestar contribuição efetiva para que possamos compreender os conflitos e os dilemas da sociedade.

A extração, mineração e análise de dados com vistas à manipulação de comportamentos dos usuários das mídias digitais faz parte da forma de extração do valor do trabalho de amplas camadas da população. A extração direta de mais valor está voltada para o trabalho daqueles que vendem sua força de trabalho para as empresas do setor, mas além deles, nossos dados pessoais são mercadoria central que alimenta a circulação do capital e permite a hegemonia da classe dominante. Os estudos de recepção ao recolher os discursos e documentar os usos e práticas culturais podem revelar as estratégias hegemônicas de manipulação e se há estratégias ou formas de subterfúgios que concorrem para a contra hegemonia.

Quanto à questão, o que os estudos de recepção têm a dizer sobre o tema do controle da mente pela interface homem-máquina?, temos a dizer que os nossos estudos mapeiam e registram os discursos das relações de comunicação dos seres humanos em seus modos concretos de vida, no cotidiano, para quem a história se apresenta na curtíssima duração de sua finitude e se projeta na história de longa duração da transformação da própria espécie. Sejam documentaristas dessa transformação.

Por fim, os estudos de recepção podem contribuir com a ciência ao tentar explicar as relações de comunicação no processo de circulação uso e apropriações dos bens culturais. Realizar essa tarefa de maneira coerente é compreender que nos estudos de recepção o poder deixa de ser sombra para ser o centro das revelações do processo de investigação. Muito mais do que revelar como usam os meios de comunicação, agora digitais, os rastros dos usos revelam ou podem revelar como as pessoas se relacionam com as estruturas de poder, revelam como as ideologias circulam e se estabelecem como dominantes.

## Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação e linguagem*. Discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.

BRUNO, Fernanda. Visões maquinicas da cidade maravilhosa: do centro de operações do Rio à Vila Autódromo. In: BRUNO, F. et.al. (Orgs.) **Tecnopólicas da vigilância**: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 239-256.

COULDRY, Nick, MEJIAS, Ulises A. Data Colonialism: Rethinking Big Data's Relation to the Contemporary Subject. **Television & New Media**. Sage, 2018, p. 1-14.

FIGARO, Roseli. **Comunicação e trabalho**. Estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação. São Paulo: Anita, 2001.



FOLCHER, V. RABARDEL, P. Homens, artefatos, atividades. In: FALZON, P. (ed.) **Ergonomia**. São Paulo: Blucher, 2007.

GRAMSCI, Antônio. **Obras escolhidas**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

LOPES, Maria Immacolata V. de. Teoria barberiana da comunicação. **Matrizes**, Vol. 12 n. 1, 2018. p.39-64.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: três introduções. **Matrizes**, Vol. 12, n. 1, 2018, p. 9-31.

MOREIRA, Esdras. Novas tecnologias de comunicação e o futuro de nossas relações. **Tecnologia digital**. 2019. Disponível em: <https://transformacaodigital.com/novas-tecnologias-de-comunicacao-e-o-futuro-das-nossas-relacoes/> Acesso em 30/01/2019.

MOTTA, Fernando C. Prestes. A teoria geral dos sistemas na teoria das organizações. **Revista Administração de Empresas**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 17-33, Mar. 1971. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75901971000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901971000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 31 Jan. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75901971000100003>.

NEXO JORNAL. Como este aplicativo busca aumentar o bem estar de seus usuários? 2019. Disponível em: [https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/01/29/Como-este-aplicativo-busca-aumentar-o-bem-estar-de-seus-usu%C3%A1rios?utm\\_campaign=anexo&utm\\_source=anexo](https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/01/29/Como-este-aplicativo-busca-aumentar-o-bem-estar-de-seus-usu%C3%A1rios?utm_campaign=anexo&utm_source=anexo) Acesso em 30/01/2019.

PARISER, Eli. **O filtro invisível**: O que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahaar, 2011.

PERUZZO, Cicilia M.K. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, J., BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

RONSINI, Veneza. Trajetos com Jesús (e para além): autoanálise da pesquisa dos usos sociais da mídia. **Intexto**, Porto Alegre, n. 43, p. 107-118, set./dez. 2018. <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201843.107-118>.

\_\_\_\_\_. **A Crença no Mérito e a Desigualdade** - a recepção da Telenovela no horário nobre. Porto Alegre: Sulina, 2012.

\_\_\_\_\_. **Mercadores de Sentido** - Consumo de Mídia e Identidades Juvenis. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SOUNDERS, France. **Who Paid the Piper?** The CIA and the Cultural Cold War. Granta Books, United Kingdom, 1999.

TRANSFORMAÇÃO DIGITAL. Com os desafios da cibersegurança, como evitar os males da inovação? 2018. Disponível em: <https://transformacaodigital.com/os-desafios-da-ciberseguranca-como-evitar-os-males-da-inovacao/> Acesso em 30/01/2019.

ZUBOFF, Shoshana. **BIG OTHER: Capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação.** (trad. De Cruz e Cardoso) In: BRUNO, F. et.al. (Orgs.) **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem.** São Paulo: Boitempo, 2018. p.17-67

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo.** São Paulo. EdUnesp, 2011.

\_\_\_\_\_. Base and superstructure in marxist cultural theory. In: MUKERJI, Chandra; SCHUDSON, Michael (Ed.). **Rethinking popular culture: contemporary perspectives in cultural studies.** Berkeley: University of California Press, 1991. p. 414-416.

\_\_\_\_\_. **Cultura e sociedade.** 1780-1950. São Paulo: Nacional, 1969.